

## Girando em torno da metafísica - 14/03/2021

\_Milton Vargas mostra uma relação histórica imanente entre metafísica, como raiz da realidade, e técnica\*\*[i]\*\*\_

**\*\*Metafísica\*\***. Se a metafísica, hoje, tem uma conotação pejorativa tratando de falsos problemas ou um jogo mental sem sentido diferente da ciência, no início do século XX ela pode ressurgir como base da realidade concreta. Isso indica que há uma conexão entre metafísica e vida humana, sobre a edificação do homem no mundo[ii] e ela traria a raiz da realidade, ou seja, a maneira de pensar e agir de uma época.

Nesse sentido, a metafísica é uma teoria da realidade radical e busca a certeza radical em que as demais se baseiam. A raiz aqui abordada é “mi-vida”, isto é, a realidade. Não a vida humana, mas minha vida que é céu, terra, os homens, as ciências e a metafísica. Eu e as coisas.

Para cada ciência há uma metafísica, em cada época. Milton Vargas identifica cinco momentos históricos: 1.) Grécia clássica; 2.) antiguidade medieval; 3.) renascimento; 4.) Europa barroca; 5.) mundo ocidental hoje e a metafísica responsável pelos prolegômenos científicos. Nesse histórico, 3 perguntas a norteiam: “o que é?”, “o que existe?” e “o que há?”.

**\*\*O que é?\*** A pergunta grega clássica “o que é?” revela a physis como substrato por detrás da aparência e que é uma crença básica, anterior ao discurso. Para os gregos, há uma crença na certeza do mundo de onde vem o espanto e a pergunta pelo ser. É a metafísica de Aristóteles, a teoria grega da realidade radical, teoria ontológica que mostra a substância por detrás da aparência.

Então, aqui não cabem as perguntas “o que existe?” e “o que há?” pois há certeza da substância. Relacionando metafísica e ciências, a matemática grega (de Tales a Euclides) é o prolegômeno. São três etapas: parte-se da sensação, que é individual, seguindo-se ao raciocínio, que é universal, aportando-se na inteligência, quer dizer, no inteligível. A ciência leva à postulação de uma metafísica percorrendo o caminho que vai do sensível para a geometria e aritmética dos objetos matemáticos até a metafísica que é livre de mutabilidades: são as ideias platônicas e as substâncias aristotélicas.

Entretanto, na Idade Média, a certeza grega se desfaz e a crença passa da physis para Deus, como sustentáculo do mundo exterior. São Tomas invoca a

mesma metafísica, mas com outra verdade: o ser que era sustância passa a ser Deus como realidade primeira e colocando a teologia no centro do pensamento.

**\*\*O que existe?\*** Porém, no renascimento, Deus perde força no conjunto das \_ultimidades\_ e a metafísica moderna, ao duvidar da realidade do mundo, traz uma nova questão: “o que existe?”. Aqui, a fonte da realidade radical é o pensamento, seja dos racionalistas, com o cogito e razão, seja dos empiristas, com a tábula rasa, na qual percepções e ideias ali são inscritas.

Milton Vargas mostra o paralelismo do desenvolvimento entre metafísica e ciência, tendo como prolegômeno a mecânica de Galileu que “primeiro concebe com a mente”. Essa realidade mental enxerga a natureza como máquina, em oposição aos gregos, para os quais a *physis* era um organismo animado.

E a metafísica atingirá o clímax com a Dinâmica de Leibniz que tem a força como elemento constitutivo da realidade. Daí surge o conceito das mônadas, que não têm extensão nem matéria e, também, a teologia racionalista [do melhor dos mundos possíveis].

Mas, depois disso, há uma ocultação do ser do pensamento que já não é mais realidade radical, pois o que tem a ver com a coisa tapa a coisa. O ser do pensamento cobre o ser psicológico subordinando a metafísica à psique humana, assim como a verdade formal oriunda da revolução logico-linguística traz uma aversão à metafísica a partir do positivismo e filosofias analíticas.

**\*\*O que há?\*** Por detrás desse ocultamento há um todo abrangente e um saber único. Perante as certezas particulares, urge uma nova metafísica que vem da pergunta “o que há?”. Se na Idade Moderna o pensamento estava associado à consciência que, através de sua clareza e distinção, consciencializava tudo em busca da verdade lógica depois, pela lógica e pela linguagem, formalizou a matemática até chegar ao computador eletrônico. Mas, Jung traz uma nova concepção do pensar inconsciente procedente de experiências ancestrais e cósmicas.

O pensamento aparece subordinado e vai do individual e transcendental para a totalidade abrangente. Tem algo na mente que não é, mas há e se estabelece um processo imanente na batalha entre o consciente e o inconsciente. Jung, em seu inconsciente, conceitualiza uma matriz dos fenômenos psíquicos mãe de tudo, uma *Pan Mater*. E é essa psicologia profunda que pode gerar uma nova metafísica.

A nova manifestação do ser aparece em Kierkegaard pela subjetividade que não reconcilia fé e conhecimento, em Nietzsche com o fim da transcendência e a

ontologia do ser do Dasein, ser imanente de Heidegger.

Voltando ao início, a pergunta moderna “o que há?” vem respondida pelo mi-vida. A realidade radical vem do profundíssimo de nós e de uma tensão dialética que se dá no plano de imanência, por um lado por uma tendência anti-noética e, por outro, por um voltar-se racional ao mundo. Tal nova formulação da teoria da realidade radical é imanente e vem das profundidades de uma alma ancestral e essa nova metafísica pode ser o modelo de ciência, da psicologia profunda para as realidades últimas.

\* \* \*

[i] Conforme *\_Crenças, ciências e metafísica\_*, Capítulo 2 de Vargas, M. (1994). *\_Para uma filosofia da tecnologia\_*. São Paulo: Alfa Omega.

[ii] Milton Vargas traz nesse artigo concepções de Julián Marías e Ortega y Gasset que trataremos indiscriminadamente, pois o que nos importa é a conceituação.